

**D**OIS dias seguidos houve fregue na Câmara Municipal, com palavrões, socos, pontapés, etc. Os jornais não dão o menor destaque ao fato, o que é uma prova de bom senso profissional da imprensa do Rio: bagunça na Câmara Municipal não chega mais a ser notícia.

Estou pensando no que vai acontecer depois que a capital do país for Brasília. O atual Distrito vai virar Estado, e essa Câmara Municipal será Assembléia Estadual. Mandará, portanto, muito mais do que hoje. Hoje o prefeito, que é nomeado pelo presidente da República, pode votar um absurdo qualquer votado pelos vereadores, se tiver apoio no Senado. Embora ele dependa muito da Câmara, e tenha de fazer mil concessões e atender a mil pedidos eleitoralistas ou de simples cavação dos senhores vereadores para poder realizar alguma coisa, mais ainda vai depender o governador da Assembléia.

Estamos fritos. A mudança de títulos não muda as pessoas; os vereadores de hoje serão os deputados de amanhã. E têm de ser, porque na verdade eles representam o povo; este curioso povo carioca, sempre a dizer coisas horríveis de seus vereadores e a reelegê-los. Povo displicente, desorganizado, fatalista, com uma tendência impressionante a se fazer representar pelos seus piores elementos. (Há exceções, naturalmente; abro uma para Magalhães Júnior, em quem sempre voto, e deixo abertas, ponhamos, mais duas, sem especificação...).

Reflitamos que além disso as finanças do Distrito, graças às nomeações feitas por Mendes de Moraes e outros governos calamitosos, estão péssimas; piores ainda serão ao Estado, pois ele terá de enfrentar algumas vultosas despesas que hoje são encargo do Governo Federal, como Polícia, Bombeiros, etc. Como viveremos?

Acho claro que o Distrito não tem capacidade nem cívica nem econômica para ser um Estado. Demitir esse mundo de funcionários é impossível; além disso teremos de sustentar muitos outros... Não vejo outra saída: isto aqui deve ser Território. É a única maneira de administrar a vida destes pacotês novos do asfalto, bárbaros e imprevidentes.

Ou então — tive outra idéia, talvez mais brilhante — ou então o Rio fica sendo estância balneária federal — sem Câmara nenhuma, com um prefeito nomeado e os cassinos funcionando para poder tirar dos milhões de funcionários o dinheiro com que eles deverão ser pagos...

De Estado é que isto não tem cara nenhuma.